

Correntes do Destino

Ditado pelo Espírito
Maria Cecília Alves

Psicografado pela médium
Célia Xavier de Camargo



Rua Atuaí, 389 – Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 – São Paulo – SP
Fone: (0xx11) 2684-6000

www.petit.com.br | petit@petit.com.br



Prelúdio da volta

Espírito endividado e comprometido com as Leis Divinas, eu desejava um alívio para minhas mágoas, remorsos e sofrimentos sem fim. Tanto havia ferido quanto fora ferido ao longo dos tempos. Agora, ansiava que a bênção do esquecimento me concedesse paz.

Como a semente que aguarda na terra a hora de germinar e transformar-se na planta tenra que cresce e se renova sob as dádivas do calor do sol e da umidade do solo, sonhava eu também com o recomeço.

Não suportava mais. Sentia-me exausto.

Urgente parar de pensar, de lembrar cenas de um passado distante que me atormentava o tempo todo. Para tanto, na Espiritualidade, preparei-me por longos anos sob a tutela amiga de zelosos benfeitores, que me incutiam bom ânimo e coragem para a renovação que se fazia tão necessária.

Espírito cheio de imperfeições, somente dessa maneira conseguiria vislumbrar a esperança de um futuro melhor e mais feliz.

Mas como vencer o orgulho atroz que me queimava o íntimo, e que gerara tanto mal, por julgar-me acima de todas as outras criaturas? De que maneira expurgar do coração o egoísmo ferrenho que me fazia desejar tudo para mim, com exclusão dos demais? Como libertar a mente da ambição desmedida,

consequência fatal do orgulho e do seu filho dileto, o egoísmo? Ao longo do tempo, em vestes corpóreas masculinas ou femininas, por quantas vezes me entregara ao erro, dilapidando excelentes oportunidades de vida que o Senhor me concedera?

Sozinho diante do manto estrelado da noite, olhos elevados para o alto, refletia na minha situação de ser indigno, enquanto lágrimas quentes de arrependimento lavavam-me o rosto e a alma. Eu sabia a resposta, tantas vezes estudada até a exaustão em nossas reuniões: imprescindível transformar-me à luz do *Evangelho* redentor, aquele mesmo *Evangelho* que tantas vezes plantara a ferro e fogo na mente de criaturas indefesas, como se fosse um remédio amargo que devessem engolir à força. Trajando o hábito sacerdotal e tendo nos lábios um sorriso, quantas vezes mandei pessoas inocentes para a morte após subtrair-lhes a fortuna! Quantas vezes criei intrigas para derrubar inimigos mais altamente colocados na política do mundo, jogando-os na vala da amargura! Quantas vezes trabalhei nas sombras e atraíoei pessoas que se entregavam a mim, confiantes na amizade que lhes hipotecara!

A maldade, a hipocrisia e a desonestidade se contavam entre os caracteres de personalidade que eu mais prezava, para minha vergonha e aversão.

Basta, porém, de lembranças dolorosas! Eu não suportava mais sofrer e rever as imagens que tanto me afligiam. Não suportava mais remoer o remorso, proporcionado pelo sentimento de culpa que não me concedia tréguas.

Desejava esquecer, apagar da mente torturada as recordações escabrosas. Recomeçar, como uma página em branco; sujeitar-me a uma nova existência que me proporcionasse paz e tranquilidade.

Assim, retornaria ao palco da vida com o coração repleto de esperança num futuro melhor.

Preparara-me com esmero. Durante dezenas de anos servira ao próximo em beneméritas instituições da Espiritualidade, procurando aprender a soletrar o verbo amar, a desenvolver em meu íntimo sentimentos mais nobres. Dedicava-me aos necessitados, praticando o exercício de pensar menos em mim e mais neles.

O planejamento reencarnatório, um primor de técnica e eficiência, obedecia às minhas necessidades mais urgentes. Envergaria um organismo feminino e iria reencontrar na carne algumas das pessoas que eu mais amava e que me proporcionariam sustentação afetiva e emocional, compondo o cenário de cada dia, além de vários desafetos, objetivo maior da existência, espíritos que me comprometera a ajudar, resgatando erros de outrora.

Do Além, amigos, companheiros, familiares queridos, instrutores e generosos benfeitores velariam por mim na retaguarda, sustentando-me nos momentos mais difíceis.

Aqueles que seriam meus pais e me acolheriam como filha do coração, ultimavam os preparativos para mergulhar na carne.

Eles renasceriam no Brasil, o Novo Mundo que se descortinava para todos os condenados como a Terra da Promissão, fugindo das recordações que o Velho Mundo representava.

Despedi-me deles, reiterando os propósitos de cumprir os compromissos assumidos por ocasião do planejamento reencarnatório.

Terminara o primeiro quarto do século 19, que se iniciara pleno de esperanças. Em 1822, o Brasil se tornara definitivamente independente de Portugal, pela vontade do príncipe regente, Pedro de Alcântara, filho de D. João VI, que passou a ser D. Pedro I, o imperador do Brasil.

Os primeiros anos

*A*s primeiras lembranças que me vêm à memória são extremamente agradáveis. Um vasto gramado, onde eu gostava de ficar sob os raios de sol aos cuidados de uma negra de olhar doce e terno. Havia também uma criança da minha idade com quem sempre brincava; essa companheirinha de folguedos era Maria Rita, ou Ritinha, filha da escrava Dionísia, que eu tratava pelo apelido carinhoso de Dinha.

Quando me cansava das brincadeiras, nos acomodávamos à sombra de uma árvore amiga, e Dinha nos servia refresco, acompanhado de uma fruta, um pedaço de pão ou um doce, que devorávamos entre risos.

Eu era feliz. Sentia-me segura e confiante.

À hora do almoço, com o sol a pino, voltávamos cansadas, mas satisfeitas, para o imenso casarão onde eu morava. Dinha, minha ama de leite, lavava-me e trocava minhas roupas sujas por outras limpas e mais belas; e penteava com carinho meus cabelos loiros, compridos e anelados. Ao dar por terminada a tarefa, afastava-se um pouco e lançava-me um último olhar crítico, para confirmar se eu estava em condições de apresentar-me diante de meus pais, e eu a fitava com os olhos azuis externando meu agradecimento; depois, satisfeita com a sua obra, levava-me para a sala, quando eu tinha o prazer de estar com minha mãe.

Era sempre com infinito amor que eu abraçava mamãe.

Dama bonita e elegante, mamãe tinha o rosto benfeito, terno e carinhoso; de tez clara, a pele era macia e aveludada; as sobrancelhas, perfeitas e arqueadas, emolduravam os meigos olhos verdes; quando sorria, duas covinhas encantadoras surgiam em cada face, e tudo ao seu redor se iluminava, mesmo que o céu estivesse escuro e chuvoso. Os cabelos eram longos e encaracolados, da cor do mel, e eu gostava de penteá-los, sempre que ela deixava.

Ao me ver, ela abria os braços e eu me abrigava neles, sentindo seu perfume de alfazema. Naquele momento, envolvida pelo seu carinho, eu sentia que de nada mais precisava. Ela era meu sol, minha vida, meu tudo.

Meu pai, porém, inspirava-me medo. Invariavelmente mostrava cenho carregado, testa franzida, e seu olhar azul era severo. Alto, usava sempre botas de cano longo, que lhe deixavam o andar ainda mais firme e pesado. Quando ouvia seus passos ressoando no lajeado da varanda que circundava nossa casa, ou suas botas rangendo nas largas tábuas do assoalho, eu estremecia de medo. Quase nunca ele me fazia um agrado e, quando o fazia, parecia-me uma atitude forçada, sem espontaneidade. Seu sorriso, raro, semelhava-se mais a uma careta, jamais deixando ver os dentes. Isso me fazia pensar que ele não tivesse dentes. Todavia, como ele dificilmente permanecia em casa, meus dias eram tranquilos e agradáveis.

Na fazenda havia muitos escravos, e eu gostava de ir até a senzala brincar com as crianças, conquanto não fosse do agrado de meu pai.

Ao ver-me junto com os meninos, ele ficava ainda mais carrancudo e com um gesto indicava-me o rumo, enérgico:

– Já para casa, Maria Eugênia!

E eu corria, o mais depressa que minhas pequenas pernas permitiam. Chegava ao casarão com o coração aos saltos, ofegante

e trêmula de medo. Subia as escadarias e corria para meu quarto, escondendo-me entre as roupas de um grande armário lá existente. E ali ficava até que alguém viesse me buscar, passado o temporal.

Com o tempo, a diferença entre meu pai e minha mãe ficou ainda mais patente. Ela era toda delicada, elegante, refinada. Fora educada em Paris e viajara por vários países. Ao voltar da Europa, seu pai tinha acertado o casamento dela com aquele que viria a ser meu pai, Felipe de Albuquerque Figueiroa, rico fazendeiro da região.

O noivo, porém, era muito diferente da doce Virgínia. Como sempre se interessara mais pela terra, ele jamais se propusera a continuar os estudos, contentando-se com aprender a ler e a escrever, a fazer contas e a cuidar da fazenda, dos animais, das lavouras de cana-de-açúcar, ao contrário de tantos jovens, inclusive colegas seus, que foram para a Europa estudar. Felipe era grosseiro e xucro, como seus cavalos. Amava, porém, a terna Virgínia desde que a conhecera ainda criança. Com ela, era carinhoso e gentil.

Exatamente um ano após o casamento deles, eu vim ao mundo, enchendo a casa de alegria e tornando a vida de minha mãe mais fácil e agradável.

Tudo isso fiquei sabendo por minha própria mãe, nos momentos em que estávamos a sós, conversando. Curiosa, eu perguntava-lhe como tinha sido sua vida e ela me contava. Aos poucos, sua história foi-se delineando em minha mente, ganhando contornos mais precisos e levando-me a entender coisas que, até então, eu não compreendera.

Sentada aos pés dela, nas tardes de inverno, enquanto me ensinava a bordar, eu voltava ao assunto que mais me interessava, isto é, descobrir seu passado, como fora sua existência.

– Conte-me, mamãe, como é morar tão distante, no estrangeiro.

E minha mãe, então, falava-me de lugares longínquos e encantadores, contava histórias e acontecimentos interessantes e engraçados. Eram momentos muito especiais. Eu me perdia em divagações, vendo, por meio de suas narrativas, aquelas belas paisagens que ela descrevia com tanto primor.

Certo dia, quando ela me falava do tempo em que aguardava minha chegada, perguntei:

– Mamãe, se meu nascimento foi cercado de tanta expectativa e amor, por que papai não gosta de mim?

Ela fitou-me com seus olhos grandes, que nesse momento me pareceram ainda maiores, e onde notei um brilho de aflição:

– Não diga isso, minha filha! Seu pai a ama. Como pode pensar diferente?

– Talvez a senhora tenha razão, mamãe, mas nunca senti o amor de meu pai. Estou agora com treze anos, e, desde que me lembro, ele sempre foi rude comigo. Trata-me, às vezes, pior do que os escravos, se é que isso é possível.

Minha mãe pôs de lado o bordado, depois se abaixou envolvendo-me em seus braços com imenso carinho, e pude ver que o brilho de seus olhos se apagara, enquanto uma ruga de preocupação marcava sua bela testa.

– Oh, minha filha, seu pai a ama, sim, apenas não sabe demonstrar esse amor. Tenha paciência com ele.

Calei-me. Não queria entristecê-la. Naquele momento, porém, decidi que iria procurar conhecer a verdade. Sua reação mostrara-me que havia algo que eu não sabia. Dinha, minha querida ama de leite, estava na fazenda havia muitos anos, ali nascera e crescera, e, se houvesse algum segredo ligado ao meu nascimento, ela o saberia com certeza.

Mudei de assunto e nunca mais voltei a incomodar mamãe com minhas dúvidas e questionamentos.

* * *

ALGUNS DIAS DEPOIS, surgiu a oportunidade ideal. Dinha e eu estávamos sozinhas, caminhando pelo parque, e nos dirigimos para a margem do rio, algumas centenas de metros ao fundo do jardim. Ritinha permanecera em casa por estar febril. O céu, sem nuvens, apresentava um tom de azul intenso, e o sol caminhava para o poente. Aleguei cansaço em virtude do calor, incomum àquela época, e nos sentamos à margem. A ama fechou a sombrinha e, sob a copa de uma grande árvore enquanto leve brisa nos refrescava, ficamos apreciando o murmúrio das águas, o gorjeio dos pássaros e o coaxar dos sapos e rãs em meio à vegetação ribeirinha.

Estendi-me na grama e fechei os olhos. De repente, fiz a pergunta que me martelava na cabeça:

– Dinha, por que meu pai não gosta de mim?

– O que é isso, menina? Seu pai gosta de você, sim, sinhazinha – respondeu com seu jeito peculiar de se expressar.

– Sinto que aconteceu alguma coisa e ninguém quer me contar. E sei que você sabe, Dinha. Por que me esconde a verdade?

– Sei de nada, não, sinhazinha. Vamos embora. É tarde e o sinhô, seu pai, não tarda a chegar da cidade.

Insisti, mas ela não cedeu. Levantei-me contrariada, ajeitei as saias e retruquei irritada:

– Pois muito bem. Eu vou descobrir. Você não é minha amiga. Com sua ajuda ou não, eu vou descobrir. Ouviu?

A escrava lançou um olhar enviesado e murmurou entre dentes:

– Pois sim! Sinhazinha quer é me arrumar problema. Não há nada para descobrir!

Levantei a cabeça e comecei a caminhar apressada, obrigando-a a me acompanhar. Não conversamos mais. Eu estava muito brava com ela. Esperava que me ajudasse, e sua recusa me deixou magoada; mais do que isso, indignada.

Chegamos à casa-grande e corri para meus aposentos. Precisava arrumar-me para o jantar. Felizmente meu pai ainda não voltara da cidade.

Quando desci as escadarias, ouvi vozes na sala de visitas. Uma delas era a de meu pai, a outra, desconhecida. Não desejando ser vista, procurei esgueirar-me para a cozinha, quando minha mãe surgiu vinda da sala, impedindo-me a retirada:

– Ah, é você, Maria Eugênia! Estava mesmo indo procurá-la. Seu pai solicita sua presença na sala.

Sem saída, respirei fundo e caminhei acompanhando minha mãe até a sala de visitas. Ao entrar, vi meu pai e outro cavaleiro que estava de costas. Aproximamo-nos e meu pai sorriu. Pela primeira vez, consegui ver seus dentes, feios e amarelados pelo fumo.

– Ei-la que chega! Guilherme, tenho o prazer de lhe apresentar Maria Eugênia, minha filha. Maria Eugênia, este é Guilherme, filho de um grande amigo meu.

O rapaz levantou-se, curvando-se elegantemente numa reverência. Só então pude vê-lo. Tratava-se de um moço alto e distinto, rosto simpático, olhos e cabelos pretos. Ele sorriu e pude ver uma feira de dentes alvos e simétricos.

– É um grande prazer conhecê-la, senhorita.

Gaguejei algumas palavras inaudíveis, corando de vergonha. Após os cumprimentos, meu pai sugeriu:

– Vamos sentar-nos. Acomode-se, meu caro Guilherme, por gentileza.

Em seguida, virando-se para a esposa, informou:

– Virgínia, nosso caro Guilherme jantará conosco.

Minha mãe levantou-se, assegurando, gentil:

– É um grande prazer tê-lo conosco, senhor Guilherme.

Peço-lhes licença. Devo verificar se está tudo em ordem na cozinha. Enquanto isso, mandarei que lhes sirvam uma taça de vinho.

Voltando-se para mim, com gesto gracioso, mamãe convidou-me a acompanhá-la:

– Venha ajudar-me, filha.

Saí lançando-lhe um olhar agradecido. Seria difícil ficar naquela sala enquanto os homens conversavam. Além disso, eu era apenas uma criança e não estava interessada em conversas de adultos.

Chegando à cozinha, mamãe ordenou a uma escrava:

– Odete, sirva vinho aos cavalheiros na sala. Depois, coloque mais um lugar à mesa. Temos visita para o jantar.

– Sim, sinhá Virgínia.

Aproximando-se do grande fogão de lenha, mamãe perguntou a Florência:

– Como está o jantar?

– Dentro de meia hora no máximo estará pronto, sinhá Virgínia.

– Ótimo. Temos visita. Capriche.

Dirigimo-nos à sala de jantar, onde minha mãe passou os olhos pela mesa para ver se estava tudo em ordem; ela gostava de esmerar-se nos detalhes e verificava se a toalha de linho estava bem passada, se a maneira de colocar os pratos, os talheres, os copos e os guardanapos estava perfeita; tudo tinha de ficar impecável. Assim fora criada e não abria mão de seus hábitos. Acertou um ou outro pequeno detalhe e, satisfeita, encaminhou-se comigo para a sala onde os homens conversavam sobre negócios.

Sentei-me perto de minha mãe. Sentia-me segura junto dela. Não gostava de visitas e de gente desconhecida. Guilherme gentilmente dirigiu-me a palavra:

– O que gosta de fazer, senhorita? Vi um belo piano logo na entrada. Aprecia música? Se bem que esta bela fazenda há de ter muitas atividades interessantes...

Timidamente, abri a boca para responder, porém meu pai adiantou-se:

– Meu caro Guilherme, essa é uma mania de minha esposa. Ensinou Maria Eugênia a tocar piano, embora eu considere isso desnecessário. Às mulheres compete apenas aprender a cuidar da casa, cozinhar, costurar e mandar nos escravos, para fazerem um bom casamento. Não concorda comigo?

Guilherme, que acabara de tomar um gole de vinho, colocou a taça sobre a mesa e respondeu:

– Bem, senhor Figueiroa, penso que estudar e aprender é sempre importante.

Minha mãe ergueu a bela cabeça, lançou um olhar para meu pai, depois se dirigiu ao visitante:

– Meu marido, senhor Guilherme, acredita que mulher não deve estudar. Estou procurando convencê-lo a deixar Maria Eugênia estudar na capital, porém sem resultado. Recusa-se terminantemente a ceder aos meus rogos.

– E para que lhe serve tanto estudo, minha querida? A senhora é um exemplo disso. Estudou na França, viajou pela Europa inteira, aprendeu tantas coisas, para quê? – retrucou ele.

– Não é só o lado material da vida que importa, Felipe. Aprendi a pensar, estudei literatura, arte, música e muito mais. Tudo isso foi muito importante para minha formação. Os conhecimentos abriram-me a cabeça.

– Para quê, minha querida? Para aprender a dirigir uma casa, para cuidar do marido e da filha, não precisaria nada disso. Entende? Tempo perdido!

Minha mãe prendeu a respiração. Desejava retrucar, mas não deveria fazê-lo. Não diante de um convidado. Segurei sua mão delicadamente por baixo das dobras do vestido, e senti que ela tremia.

Guilherme, para minha surpresa, tomou sua defesa, concordando com ela:

– Dona Virgínia tem razão ao afirmar que o conhecimento é importante. Nossa vida só será melhor se soubermos valorizá-la adequadamente, utilizando todas as nossas potencialidades.

Minha mãe endereçou a ele um discreto olhar de agradecimento. Aos poucos ela foi voltando à normalidade, enquanto meu pai, sem nada perceber, já mudara de assunto, enveredando para o terreno que conhecia: os negócios.

Guilherme, aproveitando a ocasião, comentou:

– Suas lavouras estão uma beleza, senhor Figueiroa! Os canaviais, muito bem cuidados.

– Realmente, meu caro amigo. Tenho orgulho deles.

Percebi que Guilherme, vez por outra, lançava um olhar cheio de piedade para minha mãe.

Nesse momento, a escrava Odete aproximou-se avisando que o jantar estava servido, para alívio geral. Fomos para a sala de jantar, onde as iguarias foram servidas e degustadas em meio a uma conversa amena e agradável. Em seguida vieram as sobremesas. Depois, já na sala de visitas, o cafezinho.

Como já era tarde e estava com sono, pedi licença e retirei-me para meus aposentos, desejando boa-noite a todos.

Pedido de casamento

Nos dias seguintes, notei algo de estranho no ar, sem, contudo, identificar a razão. Observei conversas trocadas entre meus pais e interceptei olhares que me eram dirigidos. Quando eu me aproximava, eles claramente mudavam de assunto. Certamente estariam falando de mim, mas o quê?

Quando a sós comigo, vez por outra mamãe me olhava disfarçadamente, pensativa, como se estivesse preocupada com alguma coisa.

– O que está acontecendo, mamãe? – perguntei, incapaz de me controlar por mais tempo.

– Você saberá quando chegar o momento, minha filha.

Insisti, mas ela não disse mais nada. Minha curiosidade já estava atingindo um nível insuportável.

Alguns dias depois, à tarde, fui chamada ao gabinete de meu pai. Entrei. Ali estavam meus pais e um cavalheiro estranho. Papai apresentou-nos dizendo:

– Maria Eugênia, este é o senhor Valentim Cerqueira, pai de Guilherme, que você já conhece. Amigo Cerqueira, esta é minha filha, Maria Eugênia, sobre quem falávamos há pouco.

O cavalheiro cumprimentou-me inclinando-se, enquanto me examinava como se fosse um animal de raça que estivesse à venda. Correspondi com leve gesto de cabeça, depois aguardei,

ansiosa. Novamente senti que algo estranho pairava no ar; e agora não era impressão apenas, mas certeza. O que estaria acontecendo?

Meu pai, em seguida, incumbiu-se de responder à minha pergunta:

– Maria Eugênia, o senhor Cerqueira veio pedir-me a sua mão em casamento para seu filho Guilherme. E eu a concedi. Precisamos marcar a data do noivado. Este é um momento de grande alegria para todos nós.

Não consegui emitir uma única palavra. Eu estava em choque; era uma criança ainda, brincava de bonecas e corria pelos campos. E agora, ia ficar noiva e me casar?

O sangue subiu-me à cabeça, que começou a formigar. Tudo escureceu à minha volta e teria caído se o visitante, mais próximo, não tivesse me segurado.

– O que tem, senhorita? Sente-se mal?

Foi apenas um segundo. Voltando a mim, vi a cara de desagrado de meu pai, e respondi com monossílabos:

– Não foi nada, senhor. Um mal-estar passageiro. Estou bem.

Sentada numa poltrona, recuperava-me da notícia, vendo-os conversar.

– Então, está combinado. No próximo fim de semana, viremos para a festa de noivado – dizia a visita.

– Teremos imenso prazer em recebê-los em nossa casa. Esta união será muito importante para nossas famílias. Será um marco na história da região!

Olhei para minha mãe. Ela sorria, mas percebi que era um sorriso automático, frio. De repente, ela virou-se para mim e pude ver um ar de piedade em seu olhar, enquanto eu pensava: “E eu? Ninguém se lembrou de perguntar o que penso sobre o

assunto? Se desejo me casar com o tal Guilherme, se ele me agrada verdadeiramente? Meu Deus! Sou uma criança!”.

Após a saída do cavalheiro, as atenções se voltaram para mim:

– Que aconteceu, Maria Eugênia? Que mal-estar é esse que a acometeu? Portou-se de maneira ridícula perante a visita. Não percebe a importância desse casamento para sua vida? – ressaltou meu pai, indignado.

Levantei-me da poltrona, sentindo que uma tempestade se formava em meu íntimo.

– Por que o senhor, papai, não me consultou sobre esse casamento? Por que não me preparou para ouvir sua decisão? Por que não me disse nada?

Com olhar enfurecido ele me fulminou:

– Quem pensa que é, mocinha? Eu decido sobre o que é melhor para nossa família. Só tem de obedecer, nada mais. E não se atreva a discutir minhas ordens.

No auge da indignação, sentindo-me impotente diante da vontade dele, comecei a chorar.

– Isso é um absurdo, meu pai! Só tenho treze anos! O senhor não pode me obrigar a casar contra minha vontade!

– Posso e o farei. Agora chega de discussão. Virgínia, prepare a festa do noivado. Quero que tudo esteja perfeito nesse dia – ordenou ele fitando a esposa. – Todos verão a nossa força. A união das famílias Cerqueira e Albuquerque Figueiroa determinará a união de nossas fazendas e ficaremos donos de grande parte das terras da região sul das Minas Gerais.

– Mas, papai...

– Basta! Vá para o seu quarto! – ordenou energicamente.

Sem alternativa, virei nos calcanhares e subi as escadarias engolindo as lágrimas. Ao entrar em meus aposentos, porém, desatei em choro desesperado, jogando-me no leito.

A ama, que me aguardava, cochilando num canto, acordou com o barulho e apressou-se a me ajudar.

– O que sucedeu, sinhazinha? Por que tantas lágrimas?

– Estou desesperada, Dinha. Meu pai quer obrigar-me a casar. Decidiu tudo sem falar comigo. Não aceito. Não me casarei.

– Calma, sinhazinha. Sabe que não adianta se rebelar contra as ordens do sinhô seu pai. Tente conversar com ele amanhã. Mas agora venha, vamos trocar de roupa.

Conversando tranquila, com voz meiga e suave que me embalava desde o berço, Dinha preparou-me para dormir. Com delicadeza tirou-me a roupa pesada, colocando-me uma leve camisa de dormir. Cobriu-me com uma manta de pelo de carneiro, de que eu gostava, e ficou ao meu lado cantando uma antiga canção de ninar que, desde pequena, sempre me acalmava.

Aos poucos adormeci.

Sonhei que estava num lugar lindo: havia árvores, flores e um belo gramado. Uma senhora muito bem-vestida aproximou-se sorridente. Eu não sabia quem era ela; todavia, parecia-me estranhamente familiar.

Trazia os cabelos castanhos presos na nuca, enquanto na testa um cacho se soltara e caía de maneira encantadora. Seus olhos eram azuis, a pele perfeita; o sorriso cativante deixava ver-lhe os dentes bonitos. Porém, não era só a sua aparência que lhe dava um ar tão fino e elegante. Havia algo mais que eu não sabia precisar, como se todo o seu corpo refletisse um brilho interior. Melhor dizendo, parecia que ela tinha uma luz interna que se lhe refletia delicadamente em todo o corpo.

Impressionada, eu a vi aproximar-se. Sentamo-nos num banco e ela passou a conversar comigo como se me conhecesse de longa data.

– *Minha querida, aproveita a oportunidade que se te apresenta no momento. Mantém a serenidade e não erres mais. Pelo tempo, muito*

tens te comprometido e é chegada a hora de agir para o bem de todos. Não guardes mágoa no coração e perdoa sempre. Mesmo o que te parecer difícil de aceitar, é para o teu bem. Ao longo do tempo, tenho estado sempre junto de ti, ajudando-te e amparando-te nas mais diversas situações. Nossos vínculos afetivos remontam a antigas encarnações. Recebeste a grande bênção de reencarnar novamente. Não falhes mais. Mantém o pensamento elevado, liga-te a Deus e tudo correrá bem.

Ao ouvi-la falar, das fibras mais profundas emergiu um sentimento de amor intenso, como se estivesse diante de uma mãe. Chorei em seus braços, queixando-me do compromisso que me estava sendo imposto.

– Acalma-te, minha criança. Deus sabe o que faz. Nada acontece por acaso. Nada temas. Confia em Jesus e terás todo o amparo de que necessitas.

Erguendo-se, a senhora fez um gesto de despedida. Tentei impedi-la. Queria conversar mais. Precisava saber mais.

Todavia, com terno sorriso, ela acenou-me e foi desaparecendo.

Chorei. Chorei muito. Desejava que ela permanecesse ao meu lado. Depois, nada mais vi.

NA MANHÃ SEGUINTE, despertei alegre e bem-disposta. Não me lembrava do sonho bom que tivera, mas um sentimento de paz e de confiança envolvia-me como escudo protetor. O desespero da noite anterior havia desaparecido totalmente e, no íntimo, um sentimento de suave aceitação passara a existir.

Dinha me fez a toailete, surpresa com a mudança que se operara em mim. Conversamos normalmente; eu tagarelava, como de hábito, e ela ouvia-me, aliviada.

Sentando-me para o café da manhã, mamãe também estranhou minha boa disposição. Não vi papai. Ele saíra para cuidar de seus negócios.

Saí para passear na companhia de Rita, minha companheira de infância, filha de Dinha.

Andando pelos campos, ela observava-me. Certo momento, não resistiu mais e perguntou:

– Sinhazinha, ouvi dizer que vai se casar. É verdade?

– É verdade, sim, Rita. É da vontade de meu pai e devo me submeter – respondi resignada.

Com sorriso maroto, ela indagou, espevitada:

– E o rapaz é aquele que esteve aqui na fazenda outro dia?

– Sim, Rita. Chama-se Guilherme.

– Ah! Sinhazinha Maria Eugênia! Que moço bonito e elegante. Até eu teria prazer em me casar com ele.

Olhei-a surpresa e dei uma risada.

– Mas que assanhada você é, Rita! Fica aí revirando os olhos para meu noivo.

– Não me leve a mal, Maria Eugênia. Porém esse moço faria a alegria de qualquer mulher. Nunca vi um cavalheiro tão bonito.

Rimos as duas e continuamos conversando até chegarmos ao riacho. Lá, tiramos os sapatos e meias e enfiamos os pés na água límpida que corria sem parar.

Brincamos um pouco. Depois percebemos que, de repente, o céu ficara coberto de nuvens pesadas e nos apressamos a regressar.

Bem a tempo. Grossos pingos começaram a cair e corremos pelo gramado, rindo e achando tudo muito divertido. Assim que entramos no casarão, a chuva desabou pesada.

Corri para meus aposentos. Dinha, que me esperava, falou:

– Por pouco não foram surpreendidas pela tempestade. Venha, vamos trocar essa roupa e secar os cabelos.

– Foram só alguns pingos, Dinha, não tem importância.

– Mas você pode ficar doente, menina, e o sinhô Figueiroa não vai gostar.

Dei de ombros. Estava contente e ninguém iria estragar a minha satisfação. Havia muito tempo não tinha o prazer de sentir os pingos da chuva em meu corpo, como hoje.

Tudo ficou escuro e os escravos tiveram de acender velas e lampiões, embora fosse hora do almoço.

Sentamo-nos à mesa debaixo de raios e trovões. O aguaceiro caía lá fora, mas eu estava feliz. Até fazer a refeição do meio-dia sob a luz de velas me divertiu.

Meus pais se olhavam, intrigados, mas permaneceram calados.

Comemos em silêncio; papai não gostava de conversas à mesa. Dizia que era falta de respeito, salvo se tivéssemos visitas, quando ele abria uma exceção.

O dia passou monótono. Enquanto a chuva caía, eu observava pela janela. Durante todo o dia o aguaceiro prosseguiu. Minhas esperanças de poder sair para o jardim não se concretizaram.

Peguei um livro e comecei a ler. Logo caí em sono profundo.